

## ESCAPE ROOM E PIBID NO ENSINO DE GEOGRAFIA: DESAFIOS, EXPERIÊNCIAS E POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS NA FORMAÇÃO DOCENTE E DISCENTE

Millyana Freitas da Cunha<sup>1</sup>  
Adrielly Morete Tavares da Conceição<sup>2</sup>  
Christian Soares Evangelista<sup>3</sup>  
Maria Eduarda Alves Neto<sup>4</sup>  
Raquel Figueira Bastos<sup>5</sup>

### RESUMO

A busca por metodologias ativas no ensino de Geografia reforça a necessidade de práticas que promovam engajamento, pensamento crítico e articulação entre teoria e prática. Nesse contexto, atividades lúdicas, como o Escape Room, destacam-se por integrar conhecimentos de forma dinâmica, estimulando a resolução de problemas em situações desafiadoras. Este trabalho apresenta um relato comparativo de duas experiências desenvolvidas por bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) do subprojeto de Geografia, evidenciando contribuições para a formação inicial docente e o aprendizado discente no município de Campos dos Goytacazes - RJ. A primeira experiência ocorreu no Instituto Federal Fluminense (IFF Campos-Centro), durante a Semana do Saber Fazer Saber, tendo como temática as queimadas na Floresta Amazônica. A proposta articulou conteúdos geográficos e problemáticas ambientais atuais, promovendo discussões críticas sobre impactos socioambientais. A segunda experiência foi realizada no Colégio Estadual Benta Pereira, durante um projeto escolar, com o enredo “Campos está alagando”. Essa abordagem aproxima os conteúdos escolares da realidade local, estimulando os estudantes a refletirem sobre os riscos e vulnerabilidades do município. Ambas as edições exigiram planejamento coletivo, construção de narrativas, elaboração de desafios pedagógicos e ambientação das salas, garantindo imersão e engajamento. Além de dialogarem com as habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), como EM13CHS101, EF06GE01 e EF09GE05, as atividades reforçam o papel das metodologias ativas na educação geográfica e contribuem para o cumprimento do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 4 (ODS 4), que visa assegurar educação inclusiva, equitativa e de qualidade. A análise comparativa evidencia que o Escape Room potencializa a aprendizagem significativa e o protagonismo discente, ao mesmo tempo que qualifica a prática pedagógica na formação inicial docente.

**Palavras-chave:** Escape Room, Ensino de Geografia, Educação básica, Formação docente.

<sup>1</sup> Bolsista Pibid; Graduanda do Curso de Licenciatura em Geografia -IFF - RJ, millyanafreitascunha@gmail.com;

<sup>2</sup> Bolsista Pibid; Graduanda do Curso de Licenciatura em Geografia -IFF - RJ, adrymorete@gmail.com;

<sup>3</sup> Bolsista Pibid; Graduanda do Curso de Licenciatura em Geografia -IFF - RJ, christianevangeliast313@gmail.com;

<sup>4</sup> Bolsista Pibid; Graduanda do Curso de Licenciatura em Geografia -IFF - RJ, mariaeduardaalves3007@gmail.com;

<sup>5</sup> Supervisora PIBID; Mestra em Geografia - Secretaria Estadual de Educação - RJ; raquel.rfb@gmail.com;

## INTRODUÇÃO

Em meio aos desafios do cotidiano escolar, surge constantemente a necessidade de reinventar a forma de se trabalhar os conteúdos em sala de aula. Essa inquietação, tão presente na prática docente, mobiliza professores e futuros professores a buscarem estratégias inovadoras capazes de despertar o interesse dos estudantes e tornar o aprendizado mais significativo. Foi a partir dessa necessidade que nasceu a proposta de desenvolver o escape room como metodologia ativa no ensino de Geografia — uma experiência lúdica, investigativa e reflexiva. A sala de aula contemporânea, marcada por múltiplas linguagens e pela presença constante das tecnologias digitais, exige do professor um olhar criativo, investigativo e sensível às novas formas de aprender. Como afirma Freire (1996), ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção, o que implica em um educador mediador, capaz de provocar, dialogar e despertar a curiosidade dos estudantes. Nesse contexto, a adoção de práticas que promovam a participação ativa dos alunos constitui um caminho fundamental para romper com modelos tradicionais e construir um aprendizado mais autônomo, crítico e significativo.

Segundo Moran (2018), a aprendizagem se torna mais envolvente e eficaz quando é colaborativa e investigativa, pois permite ao aluno assumir papel protagonista no processo. Essa concepção se alinha à proposta do escape room, que transforma o conteúdo em experiência, fazendo do aprender uma vivência coletiva, marcada por desafios, descobertas e trocas de saberes. A escolha pela abordagem lúdica também dialoga com os princípios da educação geográfica contextualizada, defendida por Callai (2018), ao enfatizar que o ensino de Geografia deve articular os conceitos à realidade dos estudantes, estimulando a leitura crítica do mundo. Ao associar os conteúdos geográficos a situações concretas, como queimadas e alagamentos, a atividade convida o aluno a compreender o espaço como construção social e a refletir sobre as relações entre sociedade e natureza.

A proposta foi desenvolvida no contexto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), que, conforme Callai e Cavalcanti (2023), cumpre papel essencial na formação docente ao articular teoria e prática e possibilitar aos licenciandos vivenciar experiências que os aproximam das realidades escolares. O programa oferece um campo fértil para o exercício da docência em sua complexidade (o planejamento, a mediação e a avaliação), favorecendo o desenvolvimento profissional e o fortalecimento da identidade





docente. É nesse espaço formativo que os pibidianos puderam experimentar práticas inovadoras, refletir sobre o papel do professor e compreender a educação como espaço de diálogo e transformação.

Foi nesse cenário que se desenvolveram duas experiências pedagógicas distintas. A primeira, intitulada “Amazônia em Chamas”, ocorreu no Instituto Federal Fluminense (IFF – Campus Campos-Centro) durante a Semana do Saber Fazer Saber em 2024, com foco nas queimadas na Amazônia; e a segunda, “Campos Alagando”, aplicada no Colégio Estadual Benta Pereira em 2025, abordou a problemática dos alagamentos urbanos de Campos dos Goytacazes. Em ambas, os estudantes foram desafiados a resolver enigmas e situações-problema inspiradas em fenômenos reais, transformando o aprendizado em uma experiência ativa, crítica e cooperativa.

Essa proposta dialoga também com o que Farias e Mendonça (2022) apontam sobre o papel das metodologias ativas no ensino de Geografia, ao promover a investigação, a interação e a contextualização, essas metodologias estimulam o pensamento crítico e geográfico, permitindo que o aluno relate os conteúdos às experiências de seu cotidiano. Complementando essa visão, Almeida (2014) defende que práticas inovadoras, como o escape room, favorecem o engajamento discente e tornam o processo educativo mais significativo em um cenário marcado pelo protagonismo digital e pela necessidade de novas formas de aprender.

Assim, o presente artigo tem como objetivo relatar as experiências desenvolvidas com o uso do escape room como metodologia ativa no ensino de Geografia, evidenciando suas contribuições para a formação docente e para o desenvolvimento da conscientização socioambiental dos estudantes. Buscou-se refletir sobre a importância das metodologias ativas no ensino-aprendizagem dos alunos e dos futuros professores, descrevendo o processo de planejamento e execução das atividades, identificando suas potencialidades e desafios e evidenciando o papel do PIBID como espaço de experimentação e formação docente crítica.

Mais do que relatar uma sequência de práticas, este artigo propõe discutir o potencial transformador das metodologias ativas na formação de professores e no ensino de Geografia, reconhecendo a ludicidade como instrumento de aprendizagem crítica, colaborativa e significativa. Nessa perspectiva, compreender o escape room como metodologia ativa é também compreender o ensino como prática social e política, em que o conhecimento se

## REFERENCIAL TEÓRICO

Ao discutir o papel docente no processo de ensino-aprendizagem, Freire (1996) aponta que ensinar não se trata da transmissão de conhecimentos prontos, mas de possibilitar condições para que os educandos construam seus próprios entendimentos a partir de sua análise e reflexão. Esse cenário se aproxima das perspectivas que defendem o uso de metodologias ativas como prática de ensino, visto que os alunos se tornam protagonistas na construção de seus conhecimentos. Nesse mesmo sentido, Moran (2018) ressalta que ensinar e aprender se tornam mais atrativos quando são convertidos em processos investigativos e questionadores, propiciando ao aluno o papel de conduzir sua própria aprendizagem de formaativa e autônoma. Assim, tanto Freire (1996) quanto Moran (2018) convergem ao defender um ensino participativo, no qual o conhecimento é construído coletivamente por meio da interação e do compartilhamento de saberes.

Nessa perspectiva, as aulas de Geografia, quando não integradas à realidade dos estudantes, podem expressar um caráter abstrato. Sobre esse viés, Callai (2018) destaca que o ensino de Geografia deve aliar os conceitos à realidade dos alunos, com o intuito de estimular a reflexão e o entendimento de que a leitura do espaço está presente em seu cotidiano. A disciplina deve, portanto, abandonar a mera memorização de conteúdos e adotar uma abordagem que formule atividades capazes de relacionar os conceitos geográficos à vida cotidiana. Na consolidação dessa dinâmica, a utilização do escape room se apresenta como uma prática em potencial, na medida em que propõe desafios que devem ser solucionados com interpretação e reflexão coletiva, com o sujeito envolvido tendo que ser ativo na obtenção das respostas. Quando vinculado à ambientes geográficos, permite aos alunos utilizarem conhecimentos específicos para interpretar e refletir sobre questões locais, como as queimadas e os alagamentos, favorecendo uma aprendizagem mais próxima de sua realidade.

Ao aprofundar a discussão sobre a importância de aproximar o ensino de Geografia da realidade dos estudantes, é preciso considerar que essa proposta também contribui significativamente para a formação dos bolsistas do PIBID. Como ressaltam Callai e Cavalcanti (2023), a formação docente deve articular as dimensões técnica e social do processo educativo. Nesse sentido, o programa desempenha papel essencial ao proporcionar

experiências que permitem aos licenciandos vivenciar práticas pedagógicas inovadoras e refletir sobre os processos estruturais da educação. Diante do contexto atual, marcado pela presença constante do mundo digital na vida dos alunos, torna-se necessário que o educador desenvolva metodologias mais atrativas e dinâmicas, capazes de transformar as aulas em experiências de aprendizagem significativas. Assim, as metodologias ativas, como o escape room, simbolizam um caminho eficaz para alcançar esse objetivo, pois tornam o aprendizado mais participativo, estimulando tanto o senso crítico dos estudantes quanto o desenvolvimento profissional dos futuros professores.

Nesse cenário, é fundamental repensar a formação docente nas licenciaturas, de modo que o professor seja preparado para atuar como mediador e facilitador da aprendizagem, capaz de estimular a reflexão e a autonomia dos estudantes. Como apontam Soares Neto *et al.* (2023), as metodologias ativas buscam superar o modelo tradicional de ensino, centrado na transmissão de conteúdos, ao valorizar práticas que colocam o aluno como protagonista do próprio processo de aprendizagem. Dessa forma, é essencial que os cursos de formação de professores incorporem estratégias inovadoras que dialoguem com a realidade tecnológica e social dos alunos, favorecendo experiências de ensino mais dinâmicas e significativas. O escape room, enquanto recurso pedagógico, destaca-se como exemplo concreto dessa abordagem, ao criar um ambiente de cooperação, pensamento crítico e resolução de problemas, permitindo que os alunos assumam um papel mais ativo na construção do conhecimento.

Ainda sobre a importância de estabelecer relações entre o que é aprendido em sala e o que é vivenciado pelos estudantes, Callai e Cavalcanti (2023) destacam que a articulação entre teoria e prática é essencial na formação docente. Nesse sentido, o PIBID desempenha papel fundamental na tarefa de melhorar a qualidade da formação dos licenciandos, ao oferecer experiências práticas pedagógicas que possibilitam refletir sobre o processo de ensino e compreender a escola como espaço de investigação e criação pedagógica.

Na mesma direção, Ferracioli (2022) destaca que o papel do professor deve ultrapassar a simples exposição de conteúdos, assumindo uma postura mediadora que estimule o aluno a investigar, questionar e atribuir sentido ao que aprende. Essa abordagem dialoga com a concepção freireana de ensino, na qual o educador atua como facilitador da aprendizagem, criando condições para o desenvolvimento da autonomia intelectual do estudante. De maneira similar, Farias e Mendonça (2022) defendem que o uso de metodologias ativas no ensino de

Geografia favorece o desenvolvimento do pensamento crítico, uma vez que possibilita ao aluno compreender as relações entre o espaço vivido e os fenômenos estudados em sala. Assim, o professor, ao adotar práticas investigativas e contextualizadas, transforma a aula em um espaço dinâmico de construção coletiva do conhecimento, fortalecendo a ligação entre teoria e realidade.

Além disso, a crescente influência do mundo digital na vida dos estudantes exige que os professores desenvolvam atividades criativas e envolventes, que aproximem o conteúdo escolar da realidade vivida pelos alunos. Nesse contexto, surgem as metodologias ativas de aprendizagem, como o *escape room*, que, segundo Almeida (2014), se caracterizam por serem estratégias voltadas para uma educação inovadora, capaz de transformar as aulas em experiências de aprendizagem mais dinâmicas para alunos inseridos em um mundo tecnológico. Dessa forma, as metodologias ativas se revelam caminhos eficazes para envolver os estudantes, mesmo diante das diversas formas tecnológicas que disputam sua atenção.

De modo geral, as concepções de Freire (1996), Moran (2018), Callai (2018), Callai e Cavalcanti (2023), Ferracioli (2022), Farias e Mendonça (2022) e Almeida (2014) demonstram que o ensino de Geografia deve ser dinâmico, crítico e contextualizado. As metodologias ativas, como o *escape room*, alinharam-se a essa proposta ao possibilitar aprendizagens significativas e promover o protagonismo discente. Ao mesmo tempo, constituem importantes oportunidades formativas para os bolsistas do PIBID, que exercitam a reflexão sobre sua prática e vivenciam a docência como espaço de criação, experimentação e transformação. Nesse sentido, compreender o *escape room* como estratégia metodológica é também compreender a prática docente como ato intencional e transformador, que se reinventa continuamente diante das demandas do ensino contemporâneo.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

O presente trabalho caracteriza-se como um relato de experiência de natureza qualitativa, vinculado às ações desenvolvidas pelos pibidianos, no subprojeto de Geografia. As atividades aqui relatadas explicitaram o *escape room* como metodologia ativa no ensino de Geografia, evidenciando suas contribuições tanto para o aprendizado dos estudantes da educação básica quanto para a formação inicial docente dos licenciandos envolvidos.

A proposta foi desenvolvida em dois momentos distintos e complementares, ambos planejados coletivamente sob a supervisão da professora orientadora. A primeira experiência



ocorreu durante a Semana do Saber Fazer Saber, no segundo semestre de 2024, no Instituto Federal Fluminense (IFF – Campus Campos – Centro), com o tema “Amazônia em Chamas”. A segunda, no início de 2025, foi aplicada no Colégio Estadual Benta Pereira, como parte de um projeto escolar com o enredo “Campos está Alagando”.

A Semana do Saber Fazer Saber é um evento anual que ocorre no *campus* Centro do Instituto Federal Fluminense (IFF Campos – RJ) desde 1987. O evento foi pensado como uma forma de prestar conta à sociedade, explicitando as dinâmicas de ensino, pesquisa e extensão que acontecem no *campus*. Assim, a comunidade acadêmica se reúne, planeja projetos e dinâmicas e abrem suas portas para visitantes, estimulando o diálogo, a troca de conhecimentos e a promoção da integração entre a sociedade e a instituição. Na edição de 2025 realizou-se a 30º edição e o evento teve como slogan a seguinte frase “O Saber Que Transforma. O Fazer Que Nos Une”, que está em total consonância com a ideia de implementação da metodologia proposta neste relato.

Já o projeto escolar, nomeado GeoBenta, desenvolvido no Colégio Estadual Benta Pereira, encontra-se em sua terceira edição e foi criado em 2023, em parceria com o PIBID de Geografia do Instituto Federal Fluminense (Edital 02/2022), sob a supervisão da professora Raquel Bastos. O GeoBenta tem como propósito demonstrar que a Geografia vai além da sala de aula e dos conteúdos formais, ao mesmo tempo em que oferece aos licenciandos um espaço de experimentação e reflexão sobre a prática docente, fortalecendo a articulação entre formação acadêmica e realidade escolar. O projeto também busca estreitar o vínculo entre escola e comunidade, atuando como instrumento de transformação social e de valorização do conhecimento geográfico enquanto forma de leitura e compreensão do mundo.

Em ambas as situações, o processo metodológico envolveu planejamento coletivo, elaboração de narrativas, definição de desafios geográficos, construção de ambientação e aplicação junto aos estudantes. Mas as dinâmicas implementadas nos momentos prévios foram diferentes. Em contexto da Semana do Saber Fazer Saber, a atividade do escape room proposta teve que ser submetida ao crivo institucional, participando de edital interno, avaliada por comissão própria do evento. Assim, montou-se um projeto junto a professora responsável que indicou os objetivos da ação e o que necessitaria para sua concretização. Após aprovado, o IFF Campos Centro cedeu R\$ 100,00 para compras de materiais básicos, cedeu o espaço e organizou as dinâmicas de visitação, tanto das escolas que foram convidadas a vir até o evento, quantos de toda comunidade que acessava a infraestrutura da escola.

Já no GeoBenta, a organização foi diferente. O evento, hoje consolidado como parte do calendário anual da escola, foi planejado pela supervisora em parceria com os pibidianos,

cabendo a eles a elaboração e a execução das atividades. A equipe gestora escolar apoiou a iniciativa, garantindo o suporte necessário para sua realização como a liberação de salas e laboratórios, e a organização da rotina escolar durante o evento, o que possibilitou a participação efetiva das turmas. Os temas trabalhados foram escolhidos a partir de discussões em sala de aula e das vivências cotidianas dos próprios alunos, o que tornou as propostas mais próximas da realidade local. Muitas ideias surgiram de situações observadas no dia a dia, como o problema recorrente dos alagamentos na rua da escola, que despertou o interesse em compreender o fenômeno e discutir suas causas. No que diz respeito aos recursos, a direção escolar contribuiu com parte do material disponível, enquanto outros foram reaproveitados da Semana do Saber Fazer Saber e complementados com recursos pessoais da supervisora e dos pibidianos. Esse processo exigiu criatividade e sensibilidade para transformar limitações materiais em oportunidades de aprendizado, resultando em práticas pedagógicas acessíveis, significativas e possíveis dentro da realidade escolar.

Durante o planejamento, os pibidianos buscaram relacionar os temas trabalhados às habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), especialmente EM13CHS101, EF06GE01 e EF09GE05, que orientam o desenvolvimento de competências relacionadas à análise crítica das ações humanas no espaço geográfico, à leitura dos elementos naturais e à compreensão dos processos ambientais e urbanos. Paralelamente, a proposta dialogou com o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 4 (ODS 4), que propõe uma educação inclusiva, equitativa e de qualidade, ao envolver diferentes públicos em uma prática inovadora que valoriza a participação ativa e a construção coletiva do saber.

A primeira experiência, intitulada “Amazônia em Chamas”, teve como foco as queimadas e o desmatamento na Floresta Amazônica. Os pibidianos elaboraram uma narrativa imersiva em que os participantes precisavam desvendar enigmas para “salvar” a floresta antes que o tempo acabasse. Cada pista exigia a aplicação de conceitos geográficos sobre o bioma, as causas do desmatamento e suas consequências socioambientais. O ambiente foi cuidadosamente decorado com painéis representando árvores, fumaça simbólica e sons de fauna e fogo, a fim de envolver os participantes na temática. A atividade despertou a reflexão sobre o papel da sociedade e do Estado na preservação dos ecossistemas, conectando a experiência ao que Callai (2018) denomina de “alfabetização geográfica”, ou seja, a capacidade de ler e compreender o mundo a partir de suas interações espaciais e ambientais.

A segunda prática, “Campos Alagando”, foi planejada para o Colégio Estadual Benta Pereira, abordando uma questão próxima da realidade dos estudantes: os alagamentos urbanos e as vulnerabilidades socioambientais do município de Campos dos Goytacazes. Nessa

versão, os participantes deveriam solucionar desafios para encontrar cinco chaves e escapar da “enchente”, alcançando o ponto mais alto e seguro da cidade — o Maciço do Itaoca. A ambientação da sala foi elaborada com materiais recicláveis e de baixo custo, como papel kraft, papelão, caixas e fitas, reproduzindo o Maciço do Itaoca, áreas alagadas, a fauna e a flora local. Essa adaptação demonstrou a criatividade e a sensibilidade dos pibidianos diante de diferentes contextos escolares e recursos disponíveis, reafirmando o que Callai e Cavalcanti (2023) apontam como fundamental na formação docente: a articulação entre teoria e prática, mediada pela experiência concreta da sala de aula.

Com o intuito de sintetizar as principais semelhanças e diferenças entre as duas práticas, elaborou-se o quadro 1, que apresenta um comparativo entre as experiências realizadas no IFF Campos-Centro e no Colégio Estadual Benta Pereira, destacando os temas, públicos, conceitos geográficos, aprendizados e contribuições para o PIBID.

**Quadro 1 – Comparativo entre as experiências de Escape Room**

<b>Aspectos analisados</b>	IFF Campos-Centro – “Amazônia em Chamas”	Colégio Estadual Benta Pereira – “Campos Alagando”
<b>Tema Central</b>	Queimadas e desmatamento na Floresta Amazônica.	Alagamentos urbanos e vulnerabilidades de Campos dos Goytacazes.
<b>Público participante</b>	Alunos do IFF e visitantes da Semana do Saber Fazer Saber (Fund I, Fund II, Médio, Superior)	Alunos do Ensino Fundamental II do C. E. Benta Pereira.
<b>Objetivo Pedagógico</b>	Conscientizar sobre impactos ambientais e preservação da Amazônia.	Refletir sobre problemas urbanos locais e responsabilidades socioambientais.
<b>Ambiente e Ambiente</b>	Sala temática com painéis representando a floresta, fumaça simbólica e sons de natureza e fogo.	Sala adaptada com representação de animais (peixes, jacarés), de vegetação nativa, e do Maciço de Itaoca como ponto de fuga.
<b>Conceitos Geográficos</b>	Sociedade e natureza, desmatamento, impactos ambientais e sustentabilidade.	Urbanização, impermeabilização do solo, riscos e vulnerabilidades ambientais.
<b>Principais aprendizados</b>	Percepção sobre os impactos humanos e importância da conservação.	Compreensão das causas dos alagamentos e planejamento urbano.



<b>Contribuições para a formação docente</b>	Planejamento coletivo, articulação entre teoria e prática, exercício de mediação pedagógica.	Ampliação da capacidade de adaptação metodológica e reflexão crítica sobre desigualdades escolares.
<b>Principais desafios</b>	Tempo curto de execução e necessidade de sintetizar informações complexas para todas séries/idades.	Adaptação do espaço físico e recursos limitados na escola pública.
<b>Resultados gerais</b>	Atividade inovadora e atrativa que despertou interesse ambiental.	Experiência formativa e contextualizada, fortalecendo vínculos entre Geografia e realidade local.

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

A análise do quadro 1 evidencia que, embora ambas as experiências tenham seguido a mesma metodologia, os contextos escolares e os públicos participantes demandaram estratégias diferenciadas. No IFF, o desafio maior foi sintetizar informações complexas de forma envolvente para alunos mais velhos e visitantes de diferentes áreas. Já no Colégio Benta Pereira, o foco recaiu sobre o diálogo com o cotidiano dos estudantes e a valorização da Geografia como ciência próxima de sua realidade. Essa diferença reforça a importância da contextualização no ensino, princípio defendido por Freire (1996), ao afirmar que não há ensino fora da realidade concreta dos sujeitos.

As duas experiências revelaram também o impacto do trabalho coletivo e do protagonismo docente. A construção do escape *room* exigiu planejamento articulado, divisão de tarefas, domínio conceitual e sensibilidade pedagógica — elementos que, segundo Callai e Cavalcanti (2023), fortalecem a identidade docente e aproximam os futuros professores das demandas reais da escola. O processo de reelaboração da proposta, especialmente na segunda experiência, impulsionou os pibidianos a refletirem sobre a função social do professor, a gestão do tempo, o uso de materiais acessíveis e a importância do engajamento dos alunos como coautores do processo educativo.

De modo geral, as práticas mostraram que o escape *room* é mais do que uma atividade lúdica, é um espaço de investigação pedagógica, em que teoria e prática se encontram para construir aprendizagens significativas. Para os estudantes da educação básica, a metodologia despertou curiosidade, colaboração e pensamento crítico; para os pibidianos, representou um exercício de autonomia, reflexão e amadurecimento profissional.





Nessa perspectiva, o escape *room* reafirma a proposta de Freire (1996) de um ensino baseado na curiosidade e no diálogo, em que o educador não é mero transmissor de conteúdos, mas mediador de experiências. Assim, as ações relatadas se configuram como práticas formativas e emancipadoras, em que o aprender e o ensinar acontecem de forma conjunta e contínua, reafirmando o papel do PIBID como um espaço de formação docente crítica, criativa e comprometida com a transformação da realidade educacional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências com o escape *room* mostraram que as metodologias ativas podem tornar o ensino de Geografia mais dinâmico, participativo e significativo. Ao transformar os conteúdos da disciplina em desafios vinculados à realidade dos alunos, foi possível ampliar o interesse e facilitar a compreensão dos temas estudados. Essa abordagem rompe com o modelo tradicional de ensino, pois une teoria e prática em um processo que estimula a reflexão crítica e a construção colaborativa do conhecimento. Assim, confirma-se que a prática contribuiu de forma efetiva para a aprendizagem ativa, investigativa e autônoma dos estudantes.

Ao aplicar essa metodologia em temas próximos ao cotidiano dos alunos, tornou-se evidente a relevância social e educativa do aprendizado. Questões como as queimadas na Amazônia e as inundações em Campos dos Goytacazes possibilitaram aos participantes compreender, de forma concreta, os impactos ambientais e sociais desses fenômenos, aproximando o conteúdo geográfico da realidade vivida. A experiência tornou o ensino mais envolvente e favoreceu o desenvolvimento de competências previstas na BNCC, como a análise das ações humanas sobre o espaço geográfico (EM13CHS101) e a interpretação de processos naturais e urbanos (EF09GE05). Além disso, promoveu a construção de habilidades de análise crítica e reflexão socioambiental, permitindo que os estudantes percebessem a Geografia como instrumento para compreender e intervir no mundo.

O papel dos pibidianos, aliado aos conhecimentos pedagógicos adquiridos ao longo da formação, foi fundamental para o planejamento e condução das atividades. O trabalho coletivo possibilitou experimentar diferentes estratégias de ensino, adaptadas aos contextos e recursos disponíveis em cada instituição. Realizar a mesma atividade em ambientes distintos exigiu reflexão crítica sobre as desigualdades educacionais, fortalecendo a capacidade de adaptação e a sensibilidade pedagógica dos licenciandos. Nesse sentido, o PIBID demonstrou ser um espaço formativo essencial, que promove o desenvolvimento de competências

docentes e o aprimoramento profissional, ao incentivar a criatividade, a autonomia e o trabalho colaborativo.

Desse modo, o escape room evidenciou que as metodologias ativas são ferramentas potentes para tornar o ensino de Geografia mais conectado à realidade dos alunos e às demandas da educação contemporânea. Para os pibidianos, a experiência possibilitou reflexão sobre as práticas docentes e sobre a importância de adequar o ensino às condições e aos contextos de cada escola. Mais do que uma atividade lúdica, revelou-se uma metodologia pedagógica transformadora, capaz de engajar os estudantes, desenvolver o pensamento crítico e promover o diálogo entre conhecimento escolar e vida cotidiana. Experiências como essa apontam caminhos promissores para ampliar práticas inovadoras e fortalecer a formação de professores comprometidos com uma educação crítica, criativa e socialmente significativa.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. E. B. Integração currículo e tecnologias: concepção e possibilidades de criação de web currículo. In: ALMEIDA, M. E. B.; ALVES, R. M.; LEMOS, S.D. V. (Org.). **Web currículo: aprendizagem, pesquisa e conhecimento com o uso de tecnologias digitais**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2014.
- CALLAI, Helena Copetti. Educação geográfica para a formação cidadã. In: **Revista de Geografia Norte Grande**, Santiago, n. 70, p. 9-30, set. 2018. Disponível em: [https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0718-34022018000200009](https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-34022018000200009). Acesso em: 4 out. 2025.
- CALLAI, Helena; CAVALCANTI, Lana. Formação Inicial de Professores de Geografia no Brasil: diretrizes e demandas para a qualificação profissional. In: **REIDICS**, n. 13, p. 33-51, 2023. Disponível: <https://revista-reidics.unex.es/index.php/reidics/article/view/2244/2131>
- FARIAS, Ariadne; MENDONÇA, Francisco. Riscos socioambientais de inundação urbana sob a perspectiva do Sistema Ambiental Urbano. In: **Sociedade & natureza**, v. 34, p. e63717, 2022.
- FEARNSIDE, Philip M. **Destrução e conservação da floresta amazônica**. Manaus: Editora do INPA, 2022.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS (INPE). **Programa Queimadas**. São José dos Campos – SP, 2025. Disponível em: <https://terrabrasilis.dpi.inpe.br/queimadas/portal/>. Acesso em: 3 out. 2025



MORAN, José. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. In: BACICH, L.; MORAN, J. (Orgs.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Pensar, 2018.

SOARES NETO, Josaphat; SANTOS, Vladiana Costa dos; COSTA, Albanísia Teixeira da; BORGES NETO, Hermínio. A sala de aula invertida no ensino de ciências: uma revisão sistemática. In: SANTOS, Patrícia Vieira (Org.). **Metodologias ativas: modismo ou inovação?** v. 2. Goiânia, GO: Editora IGM, 2023.

